

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

MARSILIO FICINO

**“COMENTÁRIO SOBRE O BANQUETE DE PLATÃO”
SEGUNDO DISCURSO – PAUSÂNIAS**

Tradução: Andrea Maria Mello e Luziane Perrini

Capítulo I – Deus é Bondade, Beleza, Justiça. Princípio, Meio e Fim.

Os Pitagóricos faziam do número três a medida de todas as coisas. A razão disto, eu penso, é que Deus governa tudo por este número três e que as coisas mesmas acham igualmente neste número sua perfeição. Daí a palavra de Virgílio: “A divindade se regozija do número impar”. De fato, o criador por excelência criou primeiro todas as coisas, depois as atrai a ele e em terceiro lugar, as perfecciona. Cada uma delas, por consequência, descende primeiro desta fonte eterna em nascimento, depois remonta em direção dela, voltando a sua origem e enfim acha sua perfeição, desde que ela reencontrou seu princípio. É o que nos revela Orpheu, quando ele chama Júpiter princípio, meio e fim do universo. Princípio enquanto ele produz; meio enquanto traz a ele este que produziu; fim, enquanto perfecciona este que retorna a ele. Assim nós podemos, como faz frequentemente Platão, nomear este rei do universo, bom, belo e justo. Bom, quando ele cria, belo, quando ele atrai, justo, quando ele perfecciona cada coisa segundo seu mérito. Assim a Beleza, cuja característica própria é de atrair, situa-se entre a Bondade e a Justiça pois que ela deriva da Bondade e tende a Justiça.

Capítulo II – Como a Beleza divina engendra o Amor

Ora, em todas as coisas, esta Beleza divina engendra o Amor, isto é, o desejo dele mesmo. Se, com efeito, Deus atrai o mundo a ele e se o mundo é atraído, existe uma atração contínua que parte de Deus, passa pelo mundo e finalmente termina em Deus e que, como um círculo, se reencontra novamente no seu ponto de partida. Desse fato, este único e mesmo círculo que vai de Deus ao mundo e do mundo a Deus tem três nomes: Beleza, enquanto toma

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

nascimento e atrai em Deus, Amor, enquanto ele passa dentro do mundo e o exuberar, Prazer, enquanto ele retorna ao seu autor e a une a sua obra. Assim, nascido da Beleza, o Amor termina em Prazer. É isto que exprime este hino magnífico de “Hieroteu e de Dionísio Aeropagita” do qual esses teólogos cantavam: *O Amor é um círculo que torna sem cessar, indo do bem ao bem*. O Amor, com efeito, é necessariamente bom porque nasce do Bem, ele retorna ao Bem. Ora é do mesmo Bem de Deus. Todas as coisas desejam essa Beleza e, quando elas a possuem, elas estão tranquilas. Isto aí, por consequência, que nosso desejo se acende, aí que o ardor dos amantes descansa, não porque ele se apaga, mas porque ele é transbordante (completo). Denys tinha razão de comparar Deus ao Sol, pois, o Sol clareia e aquece os corpos, assim Deus dá acordo às almas à luz da verdade e o ardor da caridade.

Eu vou lhes dizer, além disso, como nós tiramos esta comparação do sexto livro da República de Platão. É um fato que o Sol procria os corpos visíveis e os olhos que os veem; os olhos, lhes dando um espírito lúcido para que eles vejam, os corpos, lhes dando as cores para que eles sejam vistos. Entretanto, não é este raio, próprio aos olhos, nem as cores, próprias aos corpos, não o bastante pra assegurar uma visão perfeita, a menos que esta luz ela mesma, que acima das múltiplas luzes é única e da qual derivam as nobres luzes que são próprias aos corpos e as cores, intervenha, ilumine, aqueça e fortifique.

Da mesma maneira, este ato, o primeiro de todos, que chamamos Deus, dá acordo a todas as coisas, produzindo, a forma e o ato. Evidentemente, desde que esse ato se ache dentro de uma coisa criada e de um sujeito passivo, ele se enfraquece e torna-se incapaz de executar sua obra, mas a luz eterna e invisível do divino sol é sempre presente em tudo e sua presença aquece, vivifica, excita, transborda (satisfaz) e fortifica. Isto que Orfeu exprime divinamente dizendo que *ele aquece tudo e se expande sobre tudo*. Porque ele é o ato cujo tudo depende e ele fortifica, em nome do Bem; ele vivifica, adoça, encanta e excita em nome do Belo; porque ele atrai em direção às coisas que devem ser conhecidas as três potências da consciência: a inteligência, a vista e o ouvir, ele é a Beleza, porque ele está dentro da potência cognitiva e aplica ao objeto conhecido, ele é Verdade. Enfim, porque ele é o Bem ele procria, governa e perfecciona, e porque ele é Belo, ele ilumina e comunica a graça.

Capítulo III – A Beleza é o esplendor da Bondade divina. Deus é o Centro de quatro círculos.

Não sem razão que os Antigos Teólogos colocaram a Bondade no centro e a Beleza na circunferência; a Bondade em um centro único, a Beleza, em quatro círculos. O centro único

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

do universo é Deus. Os quatro círculos em torno são: a inteligência, a alma, a natureza e a matéria. A inteligência, que é um círculo imóvel; a alma, que é móvel por ela mesma; a natureza, que é móvel de um outro sem ser por um outro e a matéria, que é a sua vez dentro de um outro e para este outro. Mas por que nos chamamos Deus centro e os outros quatro, círculos? Está aqui brevemente as razões.

O centro de um círculo é um ponto único, indivisível e imóvel. Desse centro, as linhas múltiplas, divisíveis e moveis partem em direção a circunferência que lhe é semelhante. Esta circunferência divisível gira evidentemente em torno do centro como em torno de um eixo e ela é da natureza do centro, bem que ele seja um, indivisível e imóvel, ele se encontra, entretanto, em todo lugar em móveis, pois em toda linha cada parte é um ponto. Apesar disso, levadas da circunferência ao centro podem tocar um tal centro senão por um de seus pontos que será um, simples e imóvel. Desde quando que então poderia nos recusar o direito de nomear Deus centro de tudo, visto que em todas as coisas ele é absolutamente um, simples e imóvel? Todo o resto, pelo contrário, que é sua criatura, é múltiplo, composto, e de uma certa maneira, móvel, e porque vem dele, ao exemplo das linhas ou da circunferência, tende a retornar em direção a ele. Assim a inteligência, a alma, a natureza e a matéria que procedem de Deus se esforçam em retornar a ele por tudo, seguindo seus meios, evoluindo em torno dele. De mais, como o ponto-centro se reencontra em todo lugar dentro das linhas e de toda a circunferência, e cada uma dessas linhas por um de seus pontos toca o centro desse círculo, assim Deus, centro de tudo, que é a unidade mais simples e o ato mais puro se insere em todas as coisas, não somente em tudo que ele é presente em tudo isto que não é ele, mas ainda porque a tudo isto que tem criado, ele confere um componente ou melhor uma potência intrínseca muito simples e eminente que nós chamamos unidade das coisas e que é como o centro do qual depende e em direção daquele que se dirige as outras partes e as outras potências de toda criatura. É necessário que as coisas criadas sejam unidas a seu centro, isto é, a sua própria unidade, antes de aderir ao seu criador, para poder no seu centro, como nós já tínhamos dito, aderir ao centro de tudo. Assim a inteligência angélica se eleva até o seu cume, até o ápice do pensamento, antes de subir em direção a Deus. O mesmo para a alma e para os outros. Acrescentamos que o círculo do mundo visível é imagem destes círculos invisíveis, que são a inteligência, a alma e a natureza, visto que os corpos não são senão, em efeito, as sombras e os traços das inteligências. Ora uma sombra ou um traço reproduz senão a imagem da qual ele é sombra ou traço. É porque nós podemos a bem de direito, lhes chamar todos os quatro, círculos.

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

Notamos todas as vezes que a inteligência é um círculo imóvel, por que sua operação como sua substância, habita a mesma e se exerce de uma maneira idêntica. Ela compreende e quer sempre da mesma maneira. Podemos, contudo, chamar móvel, mas unicamente enquanto ela procede de Deus, como todo o resto, e que retorna a ele. A alma do mundo, como toda alma por mais que seja, é um círculo móvel, porque, por natureza, ela conhece raciocinando e exige um certo tempo para agir, Ora o raciocínio que passa de um termo a outro, e a operação temporal, sem nenhuma dúvida se chamam movimentos. Sim, por consequência, há dentro do conhecimento da alma qualquer coisa de estável, ela deve mais a inteligência que a alma. A natureza, ela assim, é um círculo móvel. Quando nós dizemos alma, nós entendemos, a maneira dos Antigos Teólogos, o poder da alma que reside dentro da razão e dentro do sentido, e quando nós dizemos natureza, nós entendemos a potência da alma que tem por finalidade engendrar. Eles reservam em nós de uma só vez o nome de homem considerando o outro como sua imagem e sua sombra. Dizemos muito a propósito que esta faculdade de engendrar é móvel, porque lhe é preciso tempo para concluir sua obra. Contudo, sobre este ponto, ela se distingue da alma neste que a alma se morre por ela mesma e nela mesma. Por ela mesma, porque ela é princípio do seu movimento nela mesma porque a operação da razão e dos sentidos habita dentro da substância da alma sem que o corpo seja necessariamente afetado. Ao contrário, bem que esta potência de engendrar que nós nomeamos natureza se move também por ela mesma, já que ela é uma potência desta alma que se morre nela mesma, nós dizemos assim que ela se transforma dentro de um outro, por que sua operação tem por termo a massa do corpo que ela alimenta, faz crescer e engendra. Quanto a matéria e a massa do corpo, ela é um círculo móvel e as vezes por um outro e dentro de um outro: por um outro, porque sua atividade depende necessariamente da alma, e dentro de um outro, porque todo movimento corporal se exerce dentro de um lugar.

Por consequência a razão pela qual os Teólogos colocam a Bondade dentro do centro e a Beleza dentro do círculo nos parece claramente, é evidente, de uma parte, que a Bondade que está em todas as coisas é Deus ele mesmo, pelo que tudo é bom, e que a Beleza é um raio de Deus que se expande dentro desses quatro círculos que giram em torno dele. Um tal raio reproduz neles todas as espécies de coisas que nós temos o hábito de chamar ideias, quando elas são da inteligência, razões, quando elas são da alma, sementes quando elas são da natureza e forma quando elas são da matéria. Eis aqui porque quatro expressões da Beleza se manifestam dentro desses quatro círculos: aquela das ideias é a primeira, das razões, a segunda, as sementes a terceira e a das formas a última.

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

Capítulo IV – Como Platão trata das coisas divinas

Platão revelou este mistério numa carta ao Rei Dionísio afirmando que Deus é a causa de tudo que é belo assim como principio e origem de toda beleza.

Em torno do rei do universo, disse ele, gravitam todos os outros seres. É graças a ele que tudo existe. Ele é a causa de toda beleza. Em torno do segundo gravitam os segundos; em torno do terceiro, os terceiros. Mas a alma humana deseja saber quais são os seres, examinando aqueles que lhes são familiares e cujo nenhum o satisfaz. Mas desde que se trata de um rei e das realidades cujos eu já falei, o rei e as realidades não são os mesmos, porque a alma diz isto que há antes.

Em torno do rei, o que quer dizer, não dentro do rei, mas fora dele, porque em Deus não há nenhuma composição. Quanto ao sentido do termo “em torno”, Platão o define quando ele acrescenta: graças a ele tudo existe. Ele é a causa de toda beleza. E como ele diria tudo é em torno do rei, porque tudo, por natureza, retorna a ele como a seu fim (finalidade), do mesmo jeito que tudo foi produzido por ele, sendo o principio. De toda beleza, isto é, de toda beleza que brilha dentro dos círculos precedentemente definidos. As formas dos corpos, com efeito, são levadas à Deus pelas sementes, estas pelas razões, as razões pelas ideias e são produzidas por Deus dentro da mesma ordem. Contudo quando ele precisa em dizer “tudo”, ele entende as ideias, porque nelas tudo que fica está incluído.

Os segundos em torno do segundo, os terceiros em torno do terceiro. Zoroastro disse que há senão neste mundo três príncipes, mestres de três ordens: Oromasis, Mithrim e Aimamin. Platão os chama: Deus, inteligência, alma. Em outro caso, ele estabeleceu três ordens dentro das espécies divinas, a saber, as ideias, as razões e as sementes. Por consequência os primeiros, isto é, as ideias, gravitam em torno do primeiro, isto é, em de Deus porque elas foram atribuídas por Deus à inteligência e elas levam a Deus a inteligência a qual à elas foi dada. Os segundos em torno do segundo, isto é, as razões em torno da inteligência porque da inteligência elas passam dentro da alma e orientam a alma em direção à inteligência. Os terceiros em torno do terceiro, isto é, as sementes em torno da alma, porque, pela intermediação da alma, elas passam dentro da natureza, isto é, dentro desse poder de engendrar, e de novo unem a natureza a alma. As formas descendem da natureza a matéria seguindo o mesmo processo. Mas Platão não lhes inclui dentro dessa hierarquia. Interrogado por Denys sobre as coisas divinas, ele não lhes propõe como divinas, que as três ordens pertencem as espécies incorporais e ele omite as formas dos corpos. Ele não quis contudo nomear Deus primeiro rei, mas rei de todas as coisas, de medo que lhe dizendo primeiro se

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

pudesse supor que ele o colocava como os deuses que seguem dentro de uma espécie de ordem numérica e dentro de uma certa igualdade de condição. Ele não disse: “os primeiros gravitam em torno dele” mas “tudo” , pelo que nós não acreditemos que ele governa em ordem qualquer mas o universo inteiro.

A alma humana deseja conhecer quais são essas coisas. Depois desses três esplendores da Beleza divina que brilham dentro dos três círculos, ele tem habilmente ajuntado o Amor que a alma tem por eles. É aí com efeito que se inflama o ardor da alma, porque é normal que as coisas divinas desejem as coisas divinas.

Reparando nelas o que lhe é familiar. Porque o conhecimento humano nasce dos sentidos, nós temos o habito de julgar frequentemente as coisas divinas pelo que nós vemos de superior nos corpos e nós buscamos definir a potencia de Deus pelas potencias corporais, sua sabedoria por sua ordem, sua bondade por sua utilidade. Quanto as formas dos corpos lhes nomeamos “familiares da Alma”, porque elas foram engendradas perto dela. De fato, elas se colocam no degrau que segue a alma.

Nada disto que pertencem aos corpos a satisfaz. De tais formas não podemos nem nos satisfazer, nem nos mostrar suficientemente as coisas divinas. As realidades são as idéias, as razões e as sementes, enquanto que as formas dos corpos são mais das sombras que das coisas reais. Ora, como sombra de um corpo não pode dar uma imagem fiel e distinta do corpo, assim os corpos não nos mostram a natureza própria das coisas divinas.

Em torno do Rei e das realidades que eu nomeei, não há nada de tal forma. Como as coisa mortais poderiam elas serem semelhantes as imortais e as verdadeiras as falsas?

A alma diz o que há depois, isto é, a alma em julgando as coisas divinas pelas coisas mortais, não pode senão falar falsamente e isto que ela diz concerne não as coisas divinas mas as mortais.

Capítulo V – A Beleza divina resplandece em tudo e é amada em tudo

De resto, para resumir bastante as coisas em poucas palavras, nós diremos que o Bem é a existência superelevada de Deus e que a Beleza é um ato, isto é, o raio que emana e penetra em tudo. Primeiramente sobre a inteligência angélica, segundo dentro da alma do

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

mundo e dentro de todas as almas, em terceiro dentro da natureza e em quarto dentro da matéria corporal. Este raio orna a inteligência na hierarquia das ideias, enche a alma de razões, fecunda a natureza com as sementes, orna a matéria de formas. Ora, como um único e mesmo raio de Sol vivifica os quatro elementos: o fogo, o ar, a água e a terra, assim um único e mesmo raio de Deus vivifica a inteligência, a alma, a natureza e a matéria, e como qualquer um que olha a luz em seus quatro elementos vê o raio do Sol que o leva a olhar a luz superior do Sol, assim aquele que contempla a Beleza e seus quatro círculos: a inteligência, a alma, a natureza e o corpo, ama neles o esplendor de Deus, por um tal esplendor, vê e ama Deus.

Capítulo VI – Das paixões dos amantes

Seguindo que o desejo do amante não é apaziguado nem pela vista, nem pelo toque de um corpo qualquer que ele seja. Ele não deseja tal ou tais corpos mais, o esplendor da majestade divina que se reflete dentro dos corpos é aquela que ele admira, que ele deseja, e que o deixa interdito. É a razão pela qual os amantes ignoram este que eles desejam ou que eles procuram, porque eles não sabem que é Deus, cujo o sabor escondido expande sobre as suas obras um perfume dulcíssimo. É este perfume que cada dia nos excita. Nós sentimos bem o odor, mais nós ignoramos absolutamente o sabor. Também, quando atraídos por este perfume assim expandido, nós desejamos o sabor secreto que ele emane, nós não sabemos verdadeiramente isto que desejamos e o que provamos. Daí vem igualmente o fato dos amantes duvidarem de alguma maneira ou venerarem a presença do amor. Eu diria mesmo, se eu não temesse que qualquer um dentre vós se envergonhasse me escutando, que mesmo os fortes e os sábios são geralmente desestabilizados em frente a um inferior que eles amam, porque este que os freia, quebra e os possuem não é humano. Uma potência humana é sempre superior dentro dos mais fortes e dos mais sábios, mas esta explosão da divindade que brilha dentro das belas coisas constrange os amantes a admirar, a temer e a venerar como uma imagem de Deus. Pela mesma razão, o amante, em presença do amado, despreza as riquezas e as honras, não lhes acordando nenhum valor, tanto ele é justo, que as coisas divinas sejam preferidas as coisas humanas. Acontece também muito frequentemente que o amante deseja se transferir para a pessoa amada: este que é legítimo, porque, de fato, o homem ele deseja e se esforça em vir a ser deus. Quem não mudaria a condição humana pela de Deus? Acontece àqueles que são escravos do Amor se lamentarem e se regozijarem ora sim, ora não. Eles se lamentam, porque eles deixam a si mesmos, se perdem e se matam. Eles se regozijam, porque eles passam para um objeto melhor. Um a um, igualmente eles tem calor e frio como aqueles

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

que são invadidos pela febre terçã. Eles tem frio naturalmente, pois eles perderam seu próprio calor e eles tem calor, quando eles são abraçados pelo ardo do raio divino. Ora a frialdade engendra a timidez e o calor a audácia; assim se explica porque eles aparecem ora tímidos, ora audaciosos. Em outra, amando os mais grosseiros tornam-se mais finos. Quem cujo, o raio divino ajuda, não veria mais claramente?

Mas nós já falamos bastante do Amor, da Beleza que é sua fonte e a da paixão dos amantes.

Capítulo VII – Das duas Origens do Amor e Das Duas Vênus

Agora nós iremos tratar brevemente dos dois nascimentos do Amor. Pausânias, segundo Platão, afirma que o Amor é o companheiro de Vênus e ele acredita necessário que havia tanto dois amores quanto duas Vênus.

Assim menciona ele duas Vênus que acompanham dois amores. Ele disse que uma destas Vênus é celeste e que a outra é vulgar, que a celeste é nascida do Céu sem mãe e que a vulgar é filha de Júpiter e Dione.

Os Platônicos dão assim o nome de céu ao Deus soberano, porque, do mesmo esse céu, corpo sublime, contém e governa todos os corpos, assim esse Deus soberano ultrapassa todos os espíritos. Eles dão, pelo contrário, vários nomes a inteligência. Eles nomeiam ora Saturno, ora Júpiter, ora Vênus. É porque esta inteligência existe, vive e compreende que eles pegaram o hábito de chamar sua essência Saturno, sua vida Júpiter e sua inteligência Vênus. Quanto a alma do mundo, nós chamamos assim também Saturno, quanto Júpiter ou Vênus, porque ela engendra os corpos terrestres.

A primeira Vênus, que é a inteligência, é nascida do céu sem mãe, porque, entre os Físicos, a mãe é a matéria. Ora, esta inteligência é estranha a todo comércio com a matéria corporal. A segunda Vênus, que nós situamos na alma do mundo, é filha de Júpiter e Dione. De Júpiter, isto é, desta potência da alma que move os corpos celestes. De fato, é ela que cria a potência que engendra as coisas terrestres. Eles lhe atribuem também uma mãe porque do fato que ela é infusa dentro da matéria do mundo, nós pensamos que ela tem comércio com a matéria. Em resumo, nós dizemos que Vênus é dupla: uma é esta inteligência, que nós colocamos dentro da inteligência angélica, a outra a potência de engendrar que é atribuída a alma do Mundo. Uma e outra tem por companheiro um Amor que lhe é semelhante. Uma, com efeito, por um amor inato é levada à compreender a Beleza de Deus, então a outra é

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

igualmente levada por um amor que lhe é próprio a procriar esta mesma Beleza dentro dos corpos.

A primeira concentra de início nela mesma o esplendor, o brilho da divindade que ela transmite em seguida a segunda Vênus que a sua volta, faz passar as centelhas desta luz dentro da matéria do mundo. A presença de tais centelhas faz com que cada corpo desse mundo apareça belo dentro da medida de sua capacidade. O espírito humano percebe a beleza desses corpos pelos olhos. Ele também tem duas potências, já que ele tem a potência de compreender e essa de engendrar. Esses dois poderes em nós são portanto duas Vênus, que são também acompanhadas de dois Amores. Desde que beleza do corpo humano se oferece aos nossos olhos, nossa inteligência, que em nós é a primeira Vênus, venera e ama esta beleza como uma imagem da Beleza divina e por ela se acha frequentemente levada em direção a esta Beleza. Mas então a potência de engendrar que é a segunda Vênus, deseja produzir uma forma que seja semelhante àquela Beleza. Dentro de uma como dentro da outra há, portanto, Amor. De um lado, o desejo de contemplar a Beleza, de outro, o desejo de engendrar. E esses dois Amores são honestos e louváveis, pois que um e outro nascem da imagem divina.

Por consequência, o que é que Pausânias critica no Amor? Bem! Eu vou lhes dizer. Se alguém prefere mais a geração e abandona a contemplação, se ele busca esta geração com as mulheres por meios anormais ou com homens contra a ordem da natureza, se ele prefere a beleza do corpo à beleza da alma, esse em verdade abusa da dignidade do Amor. Eis aí o abuso do Amor que condena Pausânias. Aquele que, pelo contrário, o usa como se deve, louva evidentemente a forma do corpo, mas, graças a ela, ele concebe uma beleza superior, que é aquela da inteligência, da alma e de Deus e lhe reserva uma admiração e um amor mais ardentes, esse que não impede de encher o dever da geração e da união carnal dentro da medida onde prescrevem a ordem natural e as leis civis editadas pelas pessoas prudentes. Mas de tudo isso Pausânias já falou bastante e longamente.

Capítulo VIII – Exortação ao Amor. Do Amor Simples e Amor Recíproco

Quanto a vós, meus amigos, eu vos aconselho e vos suplico de dar todas as vossas forças ao Amor, que é uma coisa verdadeiramente divina. **Não vos espante do que eles dizem de Platão** a propósito de um amante. “Este amante, disse ele, é uma alma morta dentro de seu próprio corpo e vivente dentro do corpo de um outro”. Não vos deixe, não mais, perturbar pela canção de Orfeu sobre a amarga e miserável condição dos amantes. Por favor,

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

escute com muita atenção, eu vos peço, como todas essas coisas devem ser interpretadas e como nós podemos aí levar o remédio.

Platão chama Amor uma coisa amarga. É justo, pois aquele que ama morre. Orfeu lhe nomeou doce-amargo, porque o Amor é uma morte voluntária. Enquanto morte ele é amargo, mas enquanto voluntário ele é doce. A gente diz que aquele que ama morre, porque seu pensamento esquece dele mesmo, não pensa senão naquele que ama. Ora, se ele não pensa mais nele mesmo, ele não pensa certamente mais em si. Sucede assim que uma alma assim afetada não opera mais nela mesma, já que a principal operação da Alma é precisamente o pensamento. Aquele que não opera mais em si mesmo, não está mais em si mesmo, porque há identidade entre essas duas coisas: existir e agir. Não há existência sem operação e a ação não ultrapassa a existência. **Ninguém pode agir onde não há o ser e por toda parte onde há ser e onde há o agir.** Portanto, visto que ela não age mais nela mesma, a alma do amante não está nela mesma. Se ela não está nela mesma, ela não vive mais nela mesma e este que não vive está morto. Eis aí porque todo aquele que ama está ele mesmo morto. Mas vive ele ao menos dentro de um outro? Seguramente.

Há duas espécies de Amor: um amor simples, outro amor recíproco. Há amor simples, quando o amado não ama o amante. Nesse caso o amante é completamente morto, pois, como nós temos demonstrado, ele não vive nele mesmo e ele não vive dentro do amado, visto que seu amor é rejeitado. Mas então onde ele vive? Dentro do ar, da água, do fogo, da terra ou dentro do corpo de um animal? Não pois a alma humana não vive dentro de um outro corpo que não seja humano. Mas pode ele viver dentro do corpo de um outro homem que não é amado? Não mais, porque se ele não vive dentro daquele ao qual ele deseja, sim, ardentemente viver, como poderia ele viver dentro de um outro? Por consequência aquele que ama sem ser amado não vive em nenhuma parte. É porque o amante que não é amado é completamente morto, e ele não reviverá jamais, a menos que a indignação o ressuscite. Pelo contrário, quando o amado responde ao amor, o amante vive ao menos nele. Há aí certamente qualquer coisa de admirável.

Cada vez que dois seres se encontram de uma mútua boa vontade, um vive dentro do outro e o outro vive dentro de um. De tais seres se trocam alternadamente e cada um se dá à um para receber o outro. Por certo nós vemos bem como eles se dão visto que eles se esquecem, mas nós não compreendemos como um recebe o outro, porque aquele que não possui a si mesmo pode ainda menos possuir um outro. Mas a verdade, é que um como o

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

outro possui a ele mesmo e possui o outro. Um se possui, mas dentro do outro, e o outro se possui, mas dentro de um.

Evidentemente, já que eu te amo e tu me amas, eu me reencontro em ti que pensa em mim e eu reencontro em ti, que o conserva, o “Mim” que eu tinha perdido por minha própria negligência e tu fazes a mesma coisa em mim. Uma outra coisa além disso surge maravilhosa.

Se eu me reencontro por ti depois de me haver perdido, eu me possuo por ti e se eu me possuo por ti, eu te possuo primeiro e mais que a mim mesmo e eu sou mais próximo de ti que de mim, já que eu não me aderi a mim mesmo senão por teu intermédio. É nisto precisamente que a potência de Vênus difere da violência de Marte. Aqui está como a dominação e o amor diferem. Um imperador possui os outros por ele mesmo, um amante torna-se mestre dele mesmo por um outro e cada um dos amantes se afasta de si e se reaproxima do outro e, morre em si, revive dentro do outro.

No amor recíproco há somente uma morte, mas duas ressurreições, porque aquele que ama morre nele mesmo uma vez, pois que ele se esquece, mas ele ressuscita dentro do amado, desde que o amado se aproprie dele dentro de um ardente pensamento ele ressuscite de novo, quando dentro do amado ele se reconhece e não duvida mais que seja amado. A morte feliz que seguem duas vidas! A admirável troca dentro da qual cada um se sacrifica no lugar do outro, para possuir um outro, e não cessa de maneira alguma de possuir a si mesmo! O ganho inestimável, quando dois seres somente fazem um, no ponto que cada um deles por um se tornam dois, e que como desdobrado, aquele que tivera senão uma vida tem duas graças a esta morte! Porque quem morre uma vez e ressuscita duas vezes, por uma vida obtém duas, e para ele mesmo, que é um, se reencontra dois.

Manifestamente há dentro do amor recíproco uma vingança muito justa. O homicida merece a morte. Ora, quem poderia negar que aquele que é amado seja homicida, pois que ele separa a alma do amante? Quem poderia negar que o amado à sua vez morre da mesma maneira, visto que ele ama da mesma forma o amante?

Esta restituição é absolutamente justa, pois este aqui devolve àquele lá e aquele lá à este aqui a alma que ele tem recebida. Um e outro amando, entregando sua alma e defendendo o amor, cada qual pela sua devolve a alma ao outro. Eis aí porque em uma estrita justiça qualquer um que é amado deve amar. Aquele que não ama este que lhe ama torna-se culpado de homicídio e mais, é um ladrão, um homicida e é um sacrilégio. É o corpo que possui a fortuna, e a alma que possui o corpo. **Aquele quem, por conseguinte, exuberava a alma que possui tão bem o corpo que a fortuna irradia, por fazer o mesmo da alma, o corpo e a**

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

fortuna. Aquele que é digno de morte como um ladrão, homicida e comete sacrilégio como um ser absolutamente infame e profano, ele pode ser impunemente morto por qualquer um, a menos que ele mesmo se submeta a lei amando aquele que o ama. Nesse caso, com aquele que morre uma vez ele morre ele mesmo uma vez e com aquele que ressuscita duas vezes, ele ressuscita igualmente duas vezes.

Por todas essas razões, está demonstrado que o amado deve em troca amar aquele que o ama. E não somente ele o deve, ele é constrangido e eis aqui a prova. A semelhança engendra o amor. Ora, a semelhança é uma qualidade, que é a mesma em vários. Se eu te sou semelhante, tu me és também necessariamente semelhante.

Por consequência, esta mesma semelhança que me impele a te amar, te constrange também a me amar. Ou seja, o amante se arranca dele mesmo e se dá ao amado. Então, o amado cuida, como de uma coisa que lhe pertence, porque esse que é nosso, nos é muito caro. Acrescenteis a isto que o amante grave em sua alma a figura do amado. Deste fato, a alma do amante vem a ser um espelho dentro do qual se reflete a figura do amado e é porque o amado em se reconhecendo no amante é ele mesmo levado a amar.

Os Astrólogos pensam que a reciprocidade no amor existe, sobretudo entre aqueles que são nascidos quando os planetas, isto é, o Sol e a Lua, mudam de signo. Por exemplo, seu eu nascesse quando o sol está em Áries e a Lua em Libra, e ti, quando o sol está em Libra e a Lua em Áries. Ou bem entre aqueles para os quais se acham em ascendência um signo e um planeta idêntico ou semelhante, ou se os planetas favoráveis estejam voltados em direção ao Oriente sob o mesmo ângulo ou se Vênus estava no mesmo lugar dentro da mesma casa da natividade e no mesmo grau. Os Platônicos acrescentam: aqueles cuja a vida é submetida à um demônio idêntico ou ao menos semelhante. Os Físicos e os Moralistas dizem que a similitude de temperamento, de regime, de instrução, de educação e de meio engendra os mesmo desejos. Enfim, quando vários desses casos se acham reunidos, a reciprocidade é mais violenta e quando nós os achamos todos juntos, a gente vê renascer os amores comparáveis àqueles de Pítias e de Damon, de Pilades e de Orestes.

Capítulo IX

De resto, que procuram aqueles que se amam mutuamente? Eles buscam a Beleza. Ora, o Amor é o desejo de gozar da Beleza e a Beleza é uma luz que atrai o espírito humano. A beleza dos corpos não é outra coisa que esta luz que se manifesta no charme das linhas e das cores, do mesmo da beleza da alma, que é senão esse esplendor que nasce da harmonia, da

Ficino, Marsilio

Marsilio Ficino – “Comentário sobre o Banquete de Platão” – Segundo Discurso – Pausânias

doutrina e dos costumes. Ora, esta luz do corpo não está nem nas/nos orelhas/ouvidos, nem no nariz/cheiro, nem no gosto/paladar, nem no toque que ela atinge, mas aos olhos. Ora, se somente os olhos conhecem, somente eles regozijam. Portanto, somente os olhos se regozijam da beleza do corpo e como o Amor é senão esse desejo de regozijo da Beleza e que somente aos olhos podem atingir, aquele que ama o corpo só pode ser satisfeito pela vista/pelo olhar. O desejo do toque não é, portanto, nem um elemento do Amor, nem um desejo do amante, mas somente uma espécie de fuga, e a paixão de um homem reduz em escravidão. De mais, nós compreendemos esta luz e esta beleza da alma somente pelo espírito. É, então, unicamente por esta visão/olhar/vista da inteligência, que atinge a beleza da alma, que o amante será satisfeito. Enfim, entre amantes há uma troca de beleza. O mais velho se regozija pelos olhos, da beleza do mais novo; o mais novo atinge pela inteligência a beleza do mais velho. Aquele que é somente belo de corpo adquire, do fato desta familiaridade a beleza da alma, e aquele que tem somente a beleza da alma enche seu olhos de beleza corporal. É uma troca maravilhosa tanto pra um quanto pra outro, porque ela é honesta, útil e agradável. Igualmente honesta tanto pra um quanto para outro porque ela é também honesta em aprender tanto quanto em ensinar, mais agradável para o mais velho porque ele se deleita pelos olhos e pela inteligência, mais útil pro mais novo porque a dimensão onde a alma é superior ao corpo, a aquisição da beleza intelectual é mais preciosa que aquela beleza corporal.